

# A Coisa com o Pão

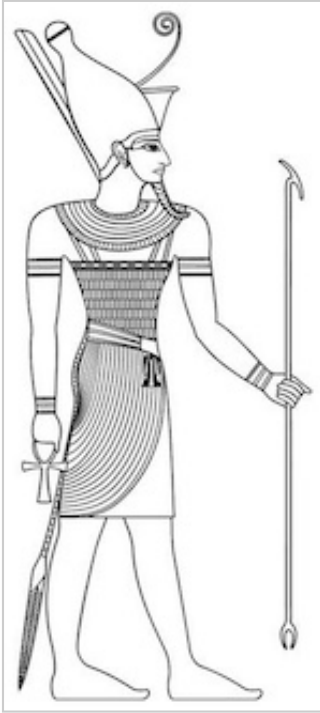
## Sobre os sacerdócios em pirâmide e a história do pão

#Catholic #Rome #Bible

Muitos estão familiarizados com a forma como o pão foi inventado. Cerca de 20.000 anos atrás, os humanos descobriram que o trigo pulverizado misturado com líquido se transformava em uma crosta sólida quando colocado perto do fogo. Esses pães achatados foram fundamentais para motivar os humanos a se estabelecerem cerca de 10.000 anos atrás, em vez de continuarem a se mover, já que o pão era uma das principais razões pelas quais os humanos semeariam, cultivariam e colheriam trigo perto de seu local preferido de vida a partir de agora. Logo, o próprio pão foi elevado ao inventar o fermento. Provavelmente por coincidência, um trabalhador ocupado no Egito deixou a mistura de trigo lamacenta ao sol por um tempo. Em vez de ser jogado fora, foi misturado com o mingau de trigo comum e, surpreendentemente, criou provavelmente o primeiro pão volumoso depois de ser colocado em panelas aquecidas.

Os primeiros a rotular delirantemente o pão como um presente do céu, em vez de ensinar sua longa história e melhorias graduais, também foram os egípcios. Os egípcios acreditavam que qualquer faraó - uma palavra que se traduz em "casa alta" - era um **governante indiscutível sobre seu povo**; não apenas um imperador do estado, mas também meio Deus, meio humano. Ele ou ela também era visto como o único mediador entre pessoas comuns e centenas de deuses egípcios distintos, um faraó estava literalmente sentado no topo de uma estrutura social e religiosa em forma de pirâmide. Após a morte de um faraó, os egípcios acreditavam que ele ou ela se transformaria em um Deus completo, eventualmente punido na vida após a morte com os crimes cometidos ao povo antes da morte. O controle e o fornecimento de alimentos também eram parte integrante do controle populacional de um faraó, e espalhar as notícias falsas do pão, às vezes também com força bruta, era um movimento importante e igualmente genial para manter a descrença pouco motivada em um Deus automatizado.

Enquanto isso, juntamente com a inovação de mais de 30 tipos diferentes de pão ao longo do tempo, o Egito se tornaria a cultura mais avançada do mundo, atraindo migrantes em busca de mão de obra de regiões vizinhas da Pérsia e da Arábia. Esses migrantes tiveram que aceitar as leis e regras piramidais egípcias parcialmente duras para subir na escala social. Muitos o fizeram, também um grupo étnico de Canaã chamado **hicsos**, que migrou em maior número para o Egito tecnologicamente avançado a partir de 1800 aC. Ao contrário de muitas histórias de contos de fadas que poderiam pelo menos potencialmente ser consideradas notícias falsas, esses hicsos, uma tribo de uma antiga região do sul da Arábia conhecida como semita,



faraó egípcio

que mais tarde mudaria seu nome para **hebreus**, estavam entre aqueles que conseguiram subir rapidamente na escala social do Egito. Eles foram capazes de controlar partes da região do Nilo Oriental por cerca de 200 anos e **foram retratados** pelos egípcios principalmente como "*governantes estrangeiros sedentos de sangue e opressivos*" antes de serem expulsos de suas terras por volta de 1400 aC.

Enquanto o Egito continuou a florescer com grandes conquistas após alguns breves períodos de domínio estrangeiro, o desenvolvimento de uma nova cultura no Norte a partir do ano 600 aC gradualmente se tornou o golpe mortal para o antigo Egito. Os gregos conquistaram não apenas metade do mundo conhecido, mas contribuíram significativamente para o declínio gradual da cultura e da sociedade do Egito. Eles também deram origem a uma maneira radicalmente nova de pensar, também em e através de uma nova estrutura linguística que refletia **pensamentos abstratos**, um conceito totalmente novo na época. A visão da religião dos gregos era diferente da dos egípcios em duas áreas-chave. Enquanto os deuses egípcios eram atribuídos principalmente a fenômenos naturais como o nascer do sol e seu caminho no horizonte, aos deuses gregos eram atribuídos conceitos abstratos como o oceano, e também muitas emoções e sentimentos humanos.

Mais importante, porém, e uma espécie de revolução religiosa na época, os gregos resistiram à ideia de uma figura indiscutível meio-deus-meio-humana no topo de uma estrutura piramidal como o único mediador entre as pessoas e seus deuses. A consequência dessa diferença não pode ser mais enfatizada; um passo extremamente importante e bastante radical raramente elaborado, talvez porque muitos estudiosos continuam a comer pão demais hoje em dia. A abolição de um único mediador faraó entre as pessoas e seus deuses deve ter parecido uma declaração total de guerra a todo o tecido social e religioso egípcio naquela época. Além do mais, muitos escritores e sumos sacerdotes gregos contavam em suas escrituras semi-religiosas como seus deuses de repente teriam permissão para ter relacionamentos parcialmente engraçados e até escandalosos entre si, tramando alegre e zelosamente um contra o outro enquanto se apaixonavam por outra pessoa, em alguns casos até com seres humanos.

A maioria dos estudiosos interpreta os textos bíblicos, particularmente os do Novo Testamento, em um estado de conto de fadas excessivamente emocional, sem nunca se conectar às turbulentas guerras

culturais que ocorreram na época. Enquanto a cultura grega continuou a substituir os antigos espaços de língua e cultura do passado, a região em torno do que hoje é Roma continuou a absorver muitos dos fundamentos gregos. Roma surgiu com inovações culturais e tecnológicas ainda mais abrangentes, através delas travando mais guerra não apenas contra culturas antigas,



Papa João II.

mas também contra os próprios gregos agora. Semelhante aos gregos, a maioria dos romanos acreditava em um conjunto inteiro de muitos deuses no início do império, atribuindo até mesmo cada um dos planetas do céu a um deus. Os romanos também tinham muitos sumos sacerdotes em vez de apenas um intermediário. A visão antiga e estrita do Egito de um único governante piramidal mediador de Deus no topo estava claramente sob ataque em duas frentes, lideradas pelos gregos e pelos romanos agora.

Ironicamente, uma das últimas armas do Egito antigo pode ter sido o pão. Enquanto os gregos eram mais ou menos imunes às últimas mentiras do faraó sobre o pão ser um presente divino que havia caído do alto céu, os romanos misteriosamente - e desde o início - consideravam o pão um presente celestial de caráter altamente religioso também. Os romanos também foram os que inventaram os primeiros moinhos de vento, que produziam um trigo muito mais fino em maiores quantidades. O pão branco era comido pelos romanos ricos, o pão escuro nutritivamente mais rico era para os pobres, já que tinha que ser comido com menos frequência do que o pão branco.

Gradualmente ao longo dos séculos, o Egito perdeu seu status como a escolha preferida dos migrantes em meio à sua cultura em declínio, mesmo grupos étnicos altamente integrados começaram lentamente a voltar às suas raízes, ao Ocidente ou ao Norte em busca de fortuna e trabalho. Um desses grupos eram os hebreus, que entretanto se tornaram um grupo migrante preferido novamente para um dos últimos governantes faraó do Egito, Ptolomeu Filadelfo II, por volta do ano 300 aC. Desde que o grego se tornou a língua de escolha em todo o Mediterrâneo, este Ptolomeu Filadelfo II queria que os judeus tivessem suas escrituras hebraicas originais **traduzidas para o grego** por razões de conservação; também para um projeto de mestrado em Alexandria, onde os gregos estabeleceram uma famosa biblioteca com o objetivo de manter uma cópia de qualquer livro do mundo conhecido.

De acordo com uma lenda bastante estranha, Ptolomeu contratou 70 tradutores, ordenando-os para cada trabalho traduzindo independentemente os textos principalmente hebraicos de Thora. Eles terminaram seu trabalho um pouco mais tarde, altamente alegadamente e ao mesmo tempo verdadeiramente magicamente chegando a 70 traduções inteiramente idênticas das escrituras do Antigo Testamento naquela época, e é por isso que até hoje essas escrituras gregas originais são chamadas de 'Septuaginta', a palavra grega por setenta. Católicos radicais, evangelistas e muitos protestantes atribuem isso a um conceito interessante de conto de fadas que eles chamam de 'infallibilidade bíblica', o que significa que qualquer texto escrito pode ser falho, mesmo este que você está lendo, mas certamente não

a Bíblia e suas categorizações. Tais construções, sustentadas e arrastadas por muitos séculos, podem ser consideradas como censura sociopolítica precoce, deliberadamente e propositalmente afogando discussões e uma compreensão mais profunda das origens das escrituras com força espiritual bastante bruta. Eles também poderiam colocar as perseguições viciosas e irracionais de Martinho Lutero no século 16 pela Igreja Católica sob uma luz inteiramente nova.

Acontecimentos historicamente verificáveis do antigo Egito revelam que algumas histórias bíblicas se correlacionam significativamente com incidentes escritos em hieróglifos de faraós e seus herdeiros. Um deles é particularmente interessante. O imperador romano Júlio César conheceu a famosa Cleópatra do Egito em 48 a.C., eles tiveram um caso e Cleópatra deu à luz um filho chamado Cesarião desse relacionamento. Quatro anos depois, César foi assassinado em Roma. Cleópatra esperou em Roma que o pequeno Cesarião fosse feito herdeiro de seu pai, apenas para descobrir que o sobrinho-neto de César, Otávio, foi escolhido como novo imperador de Roma, provavelmente com apoio político-romano decisivo. A linha de sucessão do imperador era uma coisa séria e potencialmente mortal naquela época, então Cleópatra retornou ao porto seguro Alexandria com Cesário, onde Cleópatra começaria um caso com outro poderoso romano: Marco Antônio.



Jovem governante egípcio com caráter grego/romano, potencialmente Cesarião

Antônio tornou-se padrasto de Cesarião em Alexandria, redirecionou a terra romana para o Egito e deu a Líbia, Chipre, além de partes da Síria para Cleópatra e seu co-regente Cesarião. Marco Antônio atraiu ainda mais a raiva do império romano quando Cesarião foi nomeado 'Rei dos Reis' e até anunciado como o verdadeiro filho de César e herdeiro de Roma em uma cerimônia oficial. Otávio e Roma ficaram furiosos, no início de 30 aC Alexandria foi conquistada. Cleópatra e Marco Antônio se mataram e o Egito tornou-se uma das províncias de Roma desde então.

Cesário, no entanto, fugiu antes que o exército de Otávio chegasse às costas egípcias, ele provavelmente foi para o leste. Enquanto estava no caminho, ele não teve vergonha de proclamar que "seu pai era dono de um império", que ele deveria "herdar o reino de seu pai" que "se estendia por todo o mundo". Otávio enviou tropas, provavelmente através do rio Nilo e depois do Sinai, para seguir e capturar Cesário - não Moisés. Cesário foi supostamente morto por soldados romanos ainda em 30 aC. Há razões para acreditar que ele provavelmente viveu por muitos anos na Pérsia, protegendo cuidadosamente sua identidade e, ao mesmo tempo, insinuando às pessoas ao seu redor que ele é o verdadeiro filho de ambos, um deus e um imperador, e herdaria um reino. Enquanto isso, os romanos precisavam urgentemente convencer o público de que haviam se livrado do problema de Cesário. A fim de dar um exemplo para outros governantes de províncias romanas, os soldados provavelmente receberam ordens de aplicar uma das formas mais brutais de assassinar pessoas por volta do ano nulo: pregar, erigir e morrer lentamente em uma cruz de madeira; um processo de tortura assassina, também chamado de cruzificação, realizado em muitos no Reich Romano.

Estranhamente e coincidentemente, bem no meio da situação de risco de vida do Egito por volta do ano zero, uma série de reuniões de peregrinos que passaram pelo Sinai - provavelmente em sua rota de fuga deixando urgentemente a província romana do Egito - marcou o início de outro topo piramidal. operação de resgate da régua.



Primeiras escrituras sob filtro azul UV

E precisava ser importante, para que a influência duradoura do Egito continuasse tendo impacto no mundo. As construções e cidades do antigo império poderiam estar desmoronando, o Egito conquistado por Roma e sua influência política diminuindo, mas salvar seu núcleo piramidal de cima para baixo, uma hierarquia mediadora de Deus, precisava ser mantida a todo e a qualquer custo, parecia.

O mais antigo mosteiro cristão de Santa Catarina no Sinai conseguiu **conservar uma série de escrituras**, considerados os mais antigos rolos conhecidos do Novo Testamento. O papel de couro usado no século 3 e 4 foi reescrito séculos depois, somente com equipamentos de alta tecnologia as linhas de texto ocultas puderam ser totalmente descobertas nos últimos anos. Surpreendentemente, os mais antigos Evangelhos do Novo Testamento conhecidos até agora contendo a história de Jesus Cristo não foram escritos em aramaico, hebraico ou grego, mas no idioma sírio antigo (!). Muitos anos depois, estes seriam traduzidos para o grego, agora muitos anos depois do grego para o latim. O mosteiro de Santa Catarina também mantém interessantes rolos de papel que contam como os peregrinos se misturavam regularmente no

mosteiro no século I para supostamente discutir os ensinamentos de Jesus Cristo, muito antes de os antigos rolos sírios serem redigidos. Como o pão sempre foi um objeto de determinação religiosa depois que os faraós egípcios o consideraram um presente do céu, alguns herdeiros desses primeiros peregrinos, redigindo suas elaborações em rolos de papel no mosteiro de Santa Catarina ou perto do ano 0, claramente ignoraram um grande erro ao traduzir os Evangelhos gregos para o latim, no entanto.

Há duas passagens da oração do 'Pai Nosso' nos antigos rolos de papel do Novo Testamento, uma em Lucas e outra no Evangelho de Mateus. As escrituras originais gregas do século 4 mencionam claramente **a mesma palavra 'epiousios'** em ambos, Lucas e Mateus para a passagem onde um suposto 'pão de cada dia' é mencionado que deve ser 'dado a nós'. Esta mesma palavra grega 'epiousios' em ambos os Evangelhos é uma combinação da palavra grega 'epi' (que significa 'para regular') e 'ousios' (que significa 'ser de substância'). A palavra nunca foi encontrada em todo o espaço da língua grega antes da escrita dos textos do Evangelho grego no século III. Não se refere ao pão, como falsamente declarado em literalmente todas as traduções latinas+ da Bíblia, mas sim a uma 'coisa regular de substância', que pode ter pouca ou nenhuma conexão com o pão.

Não seria surpreendente descobrir que a Igreja Católica, entretanto elevada como religião estatal de fato de Roma pelo imperador Constantino no século IV d.C., teve a ideia de fixar seu sacerdócio à distribuição de pão tão simples e no mesmo ano as traduções latinas foram feitas com erro. O que pode até ter inspirado a ideia maluca de vender aos seus membros religiosos que os padres poderiam "transformar" esse pão em um ato de hocus pocus na "carne de Jesus Cristo" durante o ato central das celebrações da missa católica. Pouco antes, apenas o padre - e talvez alguns provedores de pão cuidadosamente selecionados - foram autorizados a ser os intermediários entre os santos e Deus de um lado, e o povo do outro.

Quase como faraós no antigo Egito.

<https://www.sun24.news/pt/a-coisa-com-o-pao-sobre-os-sacerdocios-em-piramide-e-a-historia-do-pao.html>